

RÍTON DE CERÂMICA ÁTICA EM FIGURAS VERMELHAS

PIERRE ROMANA FERNANDES

Mestrando em História Antiga (PPGH – UFF)

Bolsista CAPES

pierresaxao@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Santos de Moraes (UFF)



Figura 1: A pintura em figuras vermelhas representa homens reclinados num banquete, entre eles, Cécropes, rei mítico de Atenas e o herói ateniense Teseu. Fonte: Rhyton de Figuras Vermelhas em forma de cabeça de um Carneiro. Ática. Grécia. Período Clássico, c. 480 - 460 a.C. Virginia Museum of Fine Arts, Boston. Disponível em: <https://www.vmf.a.museum/piction/6027262-8532059/>.

Alguns vasos cônicos definidos como os primeiros rítions foram encontrados em palácios micênicos da Idade do Bronze (HUEBNER, 2002, p. 1-5). Embora esses vasos tenham uma longa tradição na história do Oriente Próximo, especialmente na Pérsia da dinastia Aquemênida, os primeiros modelos de rítions áticos de figuras vermelhas que emulam a forma persa são produzidos após a vitória grega nas Guerras Greco-pérsicas (490 – 479 a.C.). O súbito aparecimento de rítions na região da Ática

e em Atenas após as guerras sugere uma conexão entre o ríton ático e o persa (HOFFMANN, 1961, p. 21).

Baseado na palavra grega *rheo* (significado de fluir), o ríton ático foi produzido em três formatos: curvado/inclinado, chifre e taça (formato apresentado na imagem) (HOFFMANN, 1961, p. 21-26). Esse vaso possui em sua extremidade a cabeça de um animal. As cabeças de animais parecem ter sido selecionadas por suas qualidades esculturais e decorativas e por associações específicas a cultos e rituais (HOFFMANN, 1989, p.131). As cabeças mais comuns em rítions áticos, entre os exemplos listados por Herbert Hoffmann, são de carneiros e burros; em algumas peças as cabeças são divididas e combinadas como metade de carneiro e metade de burro. Para Lissarrague, essas representações constituem claramente um bestiário dionisiaco (LISSARRAGUE, 2018, p. 6).

O hábito de beber em ríton durante os banquetes se espalhou entre as elites locais do Império Persa Aquemênida sinalizando possivelmente fidelidade ao Grande Rei e ao *status* cultural da Pérsia. As modificações de forma, iconografia e função são visíveis e indicam a adaptação do tipo de ríton ático às necessidades locais relacionadas a banquetes e rituais (EBBINGHAUS, 2005, p. 417).

Ateneu, no livro 11 de sua obra intitulada *Deipnosophistae*, apresenta seu famoso catálogo de vasos de bebida. Ateneu, ao mencionar o nome de Teofrastos, refere-se ao ríton. O autor diz que o vaso se assemelha a um chifre e descreve a maneira pela qual o líquido escoava como um fluído (daí a derivação do termo “fluir”). Na passagem 497 do mesmo livro, novamente de acordo com Teofrastos, o ríton é atribuído exclusivamente aos heróis. Ao mencionar Cameleon e seu relato sobre a bebedeira, Ateneu descreve mais especificamente o ríton. Inicialmente, o foco está em homens de posses e poder que desfrutavam do prazer em beber vinho. Afirma que entre esses homens as taças grandes se tornaram populares, mas entre os antigos gregos não era uma tendência o uso dessas taças: estas eram recentemente importadas dos “bárbaros”. Através de algumas evidências, o ríton é tratado como uma exceção entre as taças grandes utilizadas pelos gregos e é atribuído aos heróis. Cameleon admite que a atribuição é intrigante e oferece uma explicação: já que os heróis eram temperamentais e aptos ao combate, eles eram representados bebendo em grandes taças que continham grande quantidade de vinho (11, 497-8).

Herbert Hoffmann afirma que, no final do período arcaico e começo do clássico, os cultos a heróis locais começaram a se fundir com o culto de Dioniso. Hoffmann argumenta que tanto os mortos (os heróis) quanto Dioniso (uma divindade considerada “bárbara”) são representados com rítions em relevo votivo e suporte cerâmico. O pesquisador ainda explica que beber em ríton consistia num gesto de audácia que beirava o barbarismo, já que a forma do ríton sinalizava o aspecto “bárbaro” de Dioniso, ao mesmo tempo em que representava o aspecto intempestivo do herói (o morto representado) como um participante do banquete (HOFFMANN, 1989, p. 134).

O ríton ático acima pintado por Triptolemos, datado de 480 a.C., nos oferece múltiplas possibilidades de estudo sobre a imagética acerca do culto dos heróis, dos padrões de comportamento nos *symposia* e as práticas de consumo de vinho. Na pintura, podemos observar as presenças do mítico rei Cécropes e o herói Teseu.

FONTES

ATHENAEUS. *The Deipnosophists*. Book 11. Disponível em: <http://attalus.org/old/athenaeus11.html>. Acesso em: 23/09/2019, às 22:43.

Rhyton de Figuras Vermelhas em forma de cabeça de um Carneiro. Ática. Grécia. Período Clássico, c. 480 - 460 a.C. Virginia Museum of Fine Arts, Boston. Disponível em: <https://www.vmfamuseum.org/piction/6027262-8532059/>. Acesso em: 23/09/2019, às 22:14.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EBBINGHAUS, S. Prestige Drinking: Rhyta with Animal Foreparts from Persia to Greece. In: CURTIS, John.; SIMPSON, John. *The World of Achaemenid Persia*. Nova York: I&B Tauris, 2010.

HUEBNER, K. *The Sanctuary Rhyton*. Stockholm: Svenska Institutet I Athen, 2002.

HOFFMANN, H. Rhyta and Kantharoi in Greek Ritual. Malibu: J. Paul Getty Museum Press, 1989.

_____. *The Persian origin of Attic Rhyta*. Antike Kunst, 4. Jahrg, 1. Pp. 21-26.

LISSARRAGUE, F. *Identity and Otherness: The case of Attic Head Vases and Plastic Vases*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.